



PROTAGONISTAS DE SUA HISTÓRIA: A ARTE COMO EXPERIÊNCIA PARA JOVENS EM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

Kleriston Christy Vital Santos¹, Danielly Belchior Rodrigues²

¹Graduado em Arte e Mídia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e Mestrando em Literatura e Interculturalidade - UEPB; ²Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Resumo

O Programa Sol de Primavera – UEPB é um projeto que juntamente com o CREAS busca através do tratamento comunitário possibilitar aos jovens que se encontram em medidas socioeducativas alternativas para sua reabilitação social, a partir de diversos tipos de oficinas e saberes. Dentre as diversas oficinas presente no programa, neste relato, discutiremos a experiência vivenciada na oficina de artes, tendo em vista o recurso artístico como um elemento socioeducativo e proporcionador de um ambiente de transformação e protagonismo dos jovens que se encontram em liberdade assistida (LA), fazendo uso tanto de jogos teatrais, quanto da abordagem triangular que consiste no modelo ler/contextualizar/fazer artístico para a produção de um videoclipe de rap. A experiência foi realizada com um grupo de cerca de 16 (dezesesseis) jovens na faixa etária entre 14 (catorze) a 19 (dezenove) anos de ambos os sexos, no espaço da SAB – Sociedade de Amigos do Bairro Santa Rosa, em Campina Grande-PB, no período de agosto a novembro de 2015, em 12 (doze) encontros de 2 (duas) horas cada. Inicialmente, ao aplicarmos o planejamento, observamos uma postura passiva e desinteressada dos jovens pelos estímulos levados a sala, contudo, no decorrer do processo notamos uma maior adesão as propostas assim como o desenvolvimento de um sentido de grupo mais presente, levando-os a participarem mais ativamente da criação/produção do videoclipe e no processo conseguirem discutir sua própria realidade através da arte.

Palavras-chave: Adolescentes em conflito com a lei, Medidas socioeducativas, Vivências, Arte, Inclusão.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de transição para a vida adulta, geralmente caracterizada como uma etapa bastante conturbada, marcada por grandes mudanças físicas, psíquicas e sociais. Nessa fase de transformações, presume-se que a independência e autonomia são questões pertinentes para o adolescente, que aos poucos vai deixando de conviver apenas com seus familiares, para estar perto de seus amigos e pares. (ZAPPE e DELL'AGLIO, 2016; NARDI e DELL'AGLIO, 2012).

A inserção em um grupo social, permite ao jovem explorar e experimentar diferentes comportamentos em busca de sua identidade. A experimentação de diversos comportamentos também pode incluir os ditos antissociais, aqueles que vão de encontro com as normas e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

regras compartilhadas pela família e sociedade. A manifestação de atos de rebeldia que algumas vezes acabam por resultar em condutas transgressoras tem sido considerada natural ao processo de amadurecimento do jovem, inclusive, muitos indivíduos que apresentaram condutas antissociais na adolescência, na idade adulta, estão inseridos adequadamente na sociedade. Entretanto, a manifestação contínua da conduta transgressora associada a inúmeros fatores de riscos, constituem como variáveis que podem prejudicar o desenvolvimento do indivíduo. Dentre os fatores de risco pode-se destacar: fragilização dos vínculos familiares e das relações humanas, desemprego, imposições de consumo, desigualdade social, situação de privação econômica, situações de vulnerabilidade, uso de drogas lícitas e ilícitas, busca por signos de poder e violação dos direitos humanos. (NARDI e DELL'AGLIO, 2013, NARDI e DELL'AGLIO, 2012)

Quando o adolescente se utiliza de condutas transgressoras, ele comete um ato infracional. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Artigo 103, o ato infracional, é uma nomenclatura utilizada para caracterizar um crime ou contravenção penal que é cometido por um adolescente. Nesse caso, o ECA adota medidas gerais e específicas sobre o atendimento do adolescente em conflito com a lei, visando garantir a sua inserção adequada na sociedade. Para a reparação do ato infracional cometido, o Estatuto prevê a aplicação das seguintes medidas socioeducativas: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime de semiliberdade e internação. As medidas socioeducativas não possuem caráter punitivo ou repreensivo, mas, consistem em ações educativas e pedagógicas que propiciam a reeducação, fortalecimento dos vínculos comunitários e familiares e a ressocialização do jovem em conflito com a lei. (ROSSATO e SOUZA, 2015; SCHREINER e LAMPERT, 2015).

A Liberdade Assistida (LA), ponto de interesse deste relato de experiência, constitui-se em uma medida socioeducativa imposta judicialmente e de cumprimento obrigatório em meio aberto, isto é, sem que o adolescente seja privado de sua liberdade. O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), cuja finalidade é ofertar trabalho especializado às famílias e indivíduos em situação de risco pessoal e/ou social, é responsável por prestar atenção socioassistencial aos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida. (ROSSATO e SOUZA, 2015; SCHREINER e LAMPERT, 2015).

Em parceria com o CREAS, o Projeto de Extensão Programa Sol da Primavera da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, atua como uma alternativa de apoio para esses jovens, ressignificando valores na vida pessoal e social,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

oferecendo dispositivos que promovam a melhoria das redes de relacionamento, baseando-se no tratamento comunitário. De caráter interdisciplinar, o Programa é desenvolvido por 04 (quatro) discentes e 03 (três) docentes dos departamentos de Psicologia, Enfermagem e Educação Física, contando ainda com a colaboração de uma pedagoga, um profissional da música e um profissional da área de artes.

No referido Programa são ofertadas aos socioeducandos atividades esportivas (condicionamento físico: resistência, flexibilidade e fortalecimento muscular; capoeira, futsal e vôlei), atividades pedagógicas (dinâmicas, reflexões a partir da leituras de textos, músicas e histórias), atividades artísticas (oficina de dança, teatro e música), visando sempre a promoção da saúde, a identificação de habilidades e potencialidades, fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários e o auxílio para a construção de novos projetos de vida.

Devido a abrangência do Programa, este relato de experiência está alicerçado apenas nas experiências adquiridas durante a realização das atividades artísticas, tendo como objetivo compartilhar reflexões sobre a experiência de um extensionista e profissional da área de artes vinculados ao Programa Sol da Primavera na construção de um videoclipe musical de rap com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de liberdade assistida.

ARTE E EDUCAÇÃO

A arte como sabemos é uma ferramenta comunicativa de grande importância, pois permite aos que dela fazem uso, discutir simbolicamente questões de caráter afetivo, social, intelectual, etc. Além da sua função primeira conectada a vivência e expressão estética, podemos encontrar a arte como um recurso socioeducativo, proporcionadora de experiências que vão além do sentido estético, mas se ampliam para determinadas outras discussões da vivência do homem, possuindo um caráter formativo.

Vale ressaltar que embora compreendamos que a leitura e discussão artística contemplam uma formação individual e inerente do homem com relação ao seu papel no mundo como agente ativo/modificador, abarcamos que a arte possa também ter um sentido de interventor social, discutindo questões de caráter político, social, ideológico como houveram em inúmeros movimentos artísticos e práticas de trabalho, como o construtivismo no cinema, o Teatro do Oprimido (BOAL) e o psicodrama (MORENO), dentre outros.

Desse modo, indo além de procurar constituir uma obra de arte, vemos o processo artístico também como catalisador de discussões de cunho social para o jovens que participam do programa sociais de reabilitação, servindo como um meio



de discutir sua realidade e assim reconhecerem o seu papel social. Avultando não a obra final, mas o processo de experimentação e vivência que estes jovens em medidas socioeducativas podem ter acesso, focando no tornar-se (EISNER, 2008, p.16) deixando-o autônomo, compreendendo seu papel social. “As artes ensinam os alunos a agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas.” (*Ibidem*, p. 10) Mais do que avaliar o produto artísticos, em um viés social educativo, a arte se propõe a levar a experiência, que segundo Smolka (*apud* URNAU, 2008) se constitui como uma memória que tem significado. Middleton e Brown (2006) acrescentam que a “experiência tem importância então não tanto em termos do que aconteceu no passado mas em termos de como os futuros são construídos para trás no passado de maneira a criar a possibilidade de se tornar diferente - atualizar trajetórias alternativas de viver”. (*apud* URNAU, 2008, p. 34)

Nesse sentido, foi proposto no processo de construção do videoclipe musical, um espaço que permitisse ao jovem refletir sua realidade, discutindo intrinsecamente seu papel enquanto agente social, proporcionando uma nova compreensão e abrindo vieses de outras experiências e realidade além do qual advém, vislumbrando o protagonismo de sua própria história.

METODOLOGIA DE TRABALHO

O presente relato corresponde à reflexões sobre as experiências adquiridas durante a realização das oficinas de artes voltadas para a elaboração de um videoclipe musical. Foram realizados 12 (doze) encontros de 2 (duas) horas cada, entre os meses de agosto e novembro de 2015. Participaram dos encontros cerca de 16 (dezesesseis) adolescentes, de ambos os sexos, com idade entre 14 (catorze) a 19 (dezenove) anos, em cumprimento de medidas socioeducativas de liberdade assistida, encaminhados pelo CREAS e que, voluntariamente, aceitaram participar do Projeto de Extensão “**Programa Sol da Primavera**” da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Devido a interrupção das atividades na UEPB decorrente da greve, os encontros que inicialmente ocorreriam no departamento de Psicologia da UEPB, foram transferidas para a SAB - Sociedade dos Amigos do bairro Santa Rosa, localizada em Campina Grande-PB.

O objetivo da oficina de artes consistia em um momento mais lúdico e reflexivo para os jovens incentivando uma leitura crítica do sua realidade e a partir disso produzir uma



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

videoclipe com um rap produzido por um dos socioeducandos, em referência ao Programa Sol de Primavera.

PLANEJAMENTO DAS OFICINAS

A definição do planejamento das oficinas ter por base o Plano Curricular Nacional (PCN) do artes, fazendo uso da abordagem triangular, que consiste em:

[...] o ensino da Arte sobre três eixos que são articulados entre si, tratados da mesma forma em grau de importância, sem priorizar um em detrimento do outro. Sendo eles: o ler (leitura do texto artístico/estético), o contextualizar (contextualização histórica, cultural, estética, etc.) e o fazer artístico (produção artística, construção da expressão pessoal e/ou coletiva dos/as estudantes). (CUNHA, 2012, p. 9)

Desse modo, o jovem que tem acesso ao ensino de arte efetivo estaria disponível uma forma de ensino que permite compreender as obras que tem acesso, entender como elas socialmente se caracterizam e qual seu papel temporal e por fim vivenciar a forma artística realizando-a e descobrindo sua poética particular ou grupal. Esse pensamento de ensino foi um dos primeiros nortes destacados no processo de concepção de metodologia de trabalho com o grupo em questão.

Fazendo uso do conceito de arte enquanto processo de formação individual e experiência, amparado sobre uma abordagem triangular foi elaborado o plano de curso. O plano foi pensado após o primeiro contato com o grupo e tendo por objetivo final a produção de videoclipe de uma rap criado por um dos jovens participantes com respeito a UEPB e o projeto Sol de primavera.

Diante disso dividimos o processo de trabalho em 4 (quatro) etapas de forma mais generalista, contudo, foram feitos planos diários que trabalhavam com a ideia de propósito da aula > objetivo > Resultado, a saber as quatro grandes etapas foram:

- 1. Integração:** Essa primeira etapa tem por objetivo incentivar a participação e socialização de todo o grupo, fazendo uso de jogos teatrais, tendo por base o livro *Improvisação para o teatro* de Viola Spolin (2000);
- 2. Discussão sobre o rap e seu papel social:** Nessa etapa todos os jovens deveriam ter em mãos o Rap para ser lido coletivamente, discutindo a letra da música contextualizando-a em sua vivência e as possíveis discussões que poderiam ser levantadas no produto final da disciplina que seria o clipe. Nesse bloco foram apresentados diversos clipes para os jovens tanto de rap quanto de estilos semelhantes,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

discutindo com eles sobre o que se tratavam e sobre quais informações ou mensagens os aspectos visuais e sonoras poderiam trazer.

3. **Conhecimento técnico:** Destacando o papel efetivo da arte enquanto formador tanto social quanto capacitador de jovens em seu conteúdo específico, foi apresentado a todos os jovens todo o passo a passo de como fazer um clipe, apresentando para eles cada função de um set de filmagem e suas responsabilidades.
4. **Concepção artística e execução:** Depois de apresentadas as funções de um set de clipe os jovens foram divididos por equipe de acordo com a sua maior identificação sendo elas: Direção; Produção; Direção de Arte; Direção de Fotografia; Direção de áudio. Dividida as funções cada equipe teria que trabalhar em sua função desenvolvendo os elementos pertencentes ao clipe. Terminando com a execução do vídeo.

Para análise e discussão deste relato de experiência contamos com o objetivo da disciplinas e os planos das oficinas, assim como os diários de campos mantidos pelo oficinairo, submetidos à leitura e discussão coletiva dos fenômenos observados. A análise dos dados foram realizadas a partir de interpretações à luz da literatura pertinente às temáticas discutidas tanto no campo das artes quanto da psicologia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As atividades artísticas voltadas para a construção do videoclipe musical iniciaram-se no sétimo encontro do grupo de socioeducandos referido. Apesar do grupo já se conhecer há algum tempo foi percebido que não havia uma total integração. Nas primeiras aulas de artes foi observado que os socioeducandos mantinham uma postura resistente, passiva e desinteressada, quanto as atividades propostas. A maioria dos jovens estavam habituados a se colocarem com uma postura excludente em relação ao grupo, Alguns não as realizavam adequadamente estando claramente desmotivados, optando por ficarem sentados e/ou distanciados durante as atividades propostas, enquanto outros estavam dispersos mesmo levando em consideração a faixa etária do grupo. Apesar disso, percebeu-se que alguns dos socioeducandos estavam mais aberto à experimentações, mantendo uma postura pró-ativa desde o começo.

Foi observado que independe da proposta alguns jovens seguiam em direção a “brincadeiras” ofensivas para com os colegas, aparentemente alheios tanto ao respeito ao outro, quanto a seu papel dentro daquela oficina. Das



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dificuldades iniciais observadas do socioeducandos enquanto grupo, eram visíveis a postura passiva, dispersão, a ausência de confiança e a fragilidade dos vínculos entre eles. No decorrer dos encontros, foi notado que o grupo passou a participar mais ativamente das atividades ofertadas, embora isso variasse conforme o encontro, em parte, talvez por conta das alterações de humor e estado de ânimo próprios da condição de ser adolescente.

A partir dessas reflexões iniciais e tendo em vista o objetivo final que consistia na produção de um videoclipe foi elaborado o plano de ensino. A decisão da aplicação de jogos dramáticos em um primeiro momento foi feita a partir do nível de interesse de participação e amparado sobre o pensamento de Spolin relativo ao jogo, que consiste em “uma forma natural de grupo e que propicia o envolvimento e a liberdade pessoas necessários para a experiência” (2000, p. 4), pois, no geral havia uma postura de exclusão própria tanto das atividades quanto do fazer-se parte do grupo, como relatado na fala de um jovem ao término de um dia de trabalho: “No CREAS é melhor porque lá a gente senta e só escuta, aqui a gente tem que fazer as coisas”.

Inicialmente os jovens apenas observavam o caráter recreativo inerente dos jogos, sem compreender todos os objetivos que cada jogo propunha, como atenção, concentração, trabalho em grupo, dentre outros, tendo muita dificuldade em realizá-los e desdenhando dos que participavam da experiência. A repetição dos jogos em consonância com seus objetivos começou a dar resultados, a cada encontro melhorias foram sendo obtidas, mesmo que de forma tímida, observadas nas situações em que alguns dos socioeducandos passaram a tomar iniciativa chamando seus colegas para a responsabilidade com o grupo, mantendo uma postura mais participativa. O jogar em grupo, a descontração, o rir com o grupo é essencial para criar laços mais efetivos, o jogo serve para mostrar o jovem que ele é necessário e que ele é importante. O objetivo dos jogos teatrais não consistia em um busca do certo ou errado, ou do perdedor ou vencedor, mas na ideia do tornar-se, do que pode ser aprendido no processo, tal qual Eisner (2008) discute ao tratar a arte como um elemento educacional, buscando a cada novo encontro uma experiência, ou seja, uma memória significativa, desse modo podemos reconhecer que é um processo de modificação mais interno do que externo.

Em determinado jogo, que tem o objetivo de trabalhar confiança, foi solicitado que formassem um círculo, no meio dele, um jovem de olhos fechados vai deixar seu corpo pender para um lado para o outro, o círculo é responsável por não deixar o colega cair, exigindo um trabalho de atenção para reconhecer o possível lado que este penderá. A aplicação desse jogo, ocorreu depois de outros jogos de objetivo semelhante, pois exigia um maior nível de confiança construído no percurso. Enquanto



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

alguns se sentiam mais confiantes para fechar seus olhos e pender para os lados, outros optaram por não realizar, contudo mesmo os que não foram ao centro estavam atentos, tanto para segurar o colega quanto ajudar os companheiros a segurar. Resultando em um maior confiança entre eles destacado como um dos encontros de melhor recepção a propostas.

O estabelecimento da confiança é um ponto essencial para a coesão grupal, pois ela faz com que os vínculos se estabeleçam dentro e fora do grupo. Quando a confiança está presente entre os membros é possível criar um trabalho em equipe, pois ela favorece o compartilhamento de regras e aceitação de crenças e valores, induz a colaboração mútua fazendo com que as pessoas se sintam valorizadas e importantes como parte integrante do grupo.

Após realizados os jogos teatrais e desenvolvidas as habilidades necessárias tanto para o desenvolvimento particular quanto grupal, foi aplicada as outras etapas do planejamento. Nesse momento realizamos um discussão acerca da música levando-os a relacionar a letra do rap, que trata sobre a história de um rapaz em uma medida socioeducativa que muda de vida, a sua vivência, buscando por meio de formas imagens retratar o que a música propunha e levando-os naturalmente a falar sobre suas próprias vidas, quer fossem justificando ações ou discutindo sobre elas. O rap acabou se tornando um veículo de fala, como destaca Guimarães, “o rap tem como objeto a denúncia das desigualdades e discriminações que acontecem com populações jovens em São Paulo, no Brasil, mas também em toda parte do mundo” (1999, p.47), desse modo, criador de uma ponte entre a nossa realidade e a do grupo de jovens.

No processo de construção da clipe, dividimos a turma em duplas entregando para cada, uma cópia da música. As duplas ficaram responsáveis por criar imagens ou micro histórias que representariam os trechos a eles entregue, este foi um momento que novamente puderam trazer à tona suas vivências, discutindo sobre o que eles desejavam mostrar sobre eles mesmos, por vezes, correlacionando a sua história de vida com o contexto sócio cultural no qual foram criados e tão logo suas problemáticas. Contudo, na decisão das imagens que iriam ao videoclipe optaram por não mostrar somente os malefícios de espaços periféricos, mas no que eles desejavam tornar-se, no seus sonhos, no que de bom podiam ter/ser.

Desde o início da oficina se tinha por objetivo que os jovens fossem os principais responsáveis pela feitura do videoclipe, tanto conceitualmente quanto na prática, desse modo as funções de trabalho no set foram apresentadas a eles e puderem escolher em que área das artes ficariam (Direção/Produção/Fotografia/Arte/Áudio) tendo acesso a diversos clipes para usarem como referência para sua criação. De forma geral, observamos que as discussões que continham clipes que retratavam histórias de superação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

foram por eles eleitas como melhores referências para criação, demonstrando maior atenção durante suas apresentações, por se sentirem melhor representados. Nos últimos encontros foi percebido que, mesmo os jovens que tinham uma atitude um tanto descompromissada durante quase todo o processo de construção do videoclipe, se dispuseram a participar, além disso, é importante salientar que, alguns que já estavam com a medida socioeducativa totalmente cumprida permaneceram nas equipes de trabalho até o fim do projeto, mostrando a adesão a proposta, assim como o não abandono ao grupo.

Dentre as situações que prejudicaram o andamento dos encontros e o alcance pleno dos objetivos propostos na construção do videoclipe, pode-se destacar as faltas esporádicas dos socioeducandos e a chegada de novos socioeducandos a cada semana. Neste último caso, foi acordado entre oficinairos, extensionistas e docentes, juntamente com o CREAS que até o encerramento deste projeto ficaria suspensa a entrada de novos membros.

A presença dos outros professores nem sempre deixava os encontros descontraídos e isto talvez fosse um ponto a ser trabalhado e discutido afim de elaborar novas técnicas de alcançar esse objetivo. A descontração deve ser encorajada, porque é uma condição facilitadora para a expressão, criativa e afetiva, na medida em que cria um contexto de confiança e troca.

De um modo geral pode-se notar que os recursos artísticos foram um excelente meio para promover variadas formas de expressão, permitindo a troca de opiniões e a convivência com pontos de vista diferenciados. Nesse sentido, tais recursos desempenhou um papel fundamental propiciando um autoconhecimento e o conhecimento do outro e a sua aceitação, aprimorando as relações interpessoais e favorecendo uma inserção social baseada na ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e reflexão sobre a letra do rap desencadeou conversas profundas sobre experiências vividas pelo grupo, que remetiam à realidade social e despertou um desejo latente de transformação com relação a eles mesmos e aos ambientes dos quais fazem parte. Como espaço para o desenvolvimento da sociabilidade, as oficinas atingiram o objetivo de proporcionar as condições para o fortalecimento dos vínculos entre os membros do grupo, permitindo tanto conhecer melhor os colegas quanto a si mesmo, assim como, propiciou estabelecimento de um círculo afetivo entre oficinairos e socioeducandos.

Embora que no processo alguns retrocessos tenham sido observados decorrente da vivência dos adolescentes extra projeto, reconhecemos que na maioria deles houve um



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

processo transformador, pois mesmo que o resultado final e o processo de produção tenham tido falhas técnicas, este foi essencial para tirar alguns jovens do papel excludente do grupo, como se posicionavam no início da oficina para uma postura de protagonistas.

Vimos assim que processos artísticos foram de grande valia para discutir de forma figurada a vivência dos jovens, que muitas vezes, guardam suas próprias problemáticas para si. O uso do rap e as decisões artísticas tomadas para a construção do videoclipe musical funcionou como um potencializador de vozes, convidando todos do grupo a compartilhar experiências, sonhos, medos, frustrações e anseios, fazendo-os se sentir importantes tanto no grupo do projeto como enquanto sujeito social, regozijando-se no fato de que eles podem ser ouvidos além das paredes que os circundavam durante as oficinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, J. M. de J. **Ensino de Artes: Dificuldades, experiências e desafios**. Revela, Periódico de Divulgação Científica da FALS. Ano VI - Nº XIV-DEZ / 2012 - ISSN 1982-646X. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela18/REVELA%20XVII/art_exp05_14.pdf> Acesso em junho de 2016.

EISNER, Elliot E. **O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?** Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008 - ISSN 1645-1384. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>> Acesso em fevereiro de 2016.

GUIMARÃES, M.E. **Rap: transpondo as fronteiras da periferia**. In: ANDRADE, E.N. (Org.). Rap e educação Rap é educação. São Paulo: Sumus, 1999. p.39-54.

NARDI, F. L.; DELL'AGLIO, D. D.. **Adolescentes em Conflito com a Lei: Percepções sobre a Família**. Psicologia: Teoria e Pesquisa Abr-Jun, vol. 28 n. 2, p. 181-191, 2012. Disponível em: <<https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/344>>. Acesso em: 20 de junho 2016.

. Reflexões acerca do ato infracional e da medida

socioeducativa: Estudos de caso. Revista Interamericana de Psicologia, vol. 47, num. 1, p. 33-42, 2013. Disponível em: <<http://journals.fcla.edu/ijp/article/view/82106>>. Acesso em: 20 de junho 2016.

ROSSATO, L.; SOUZA, T. M. C.. **Psicologia e adolescentes em conflito com a lei: reflexões a partir do estágio**. Revista da SPAGESP, 15(1), 112-122, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000100009>. Acesso em: 20 de junho 2016.

SCHREINER, S. C.; LAMPERT, E. L. **Os adolescentes em conflito com a lei frente às medidas socioeducativas**. Revista Maiêutica em Serviço Social, Indaial, v. 3, n. 1, p. 124-134, 2015. Disponível em:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

< https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/SES_EaD/article/view/1424>. Acesso em 21 de junho 2016.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

URNAU, LÍLIAN CAROLINE. **Juventude e arte**: os sentidos da mediação artística para jovens participantes de projetos sociais. 2008, 148 f. Dissertação (Pós-graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis. 2008. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91275/250191.pdf?sequence=1&isAllOwed=y> > Acesso em outubro 2015.

ZAPPE, J. G.; DELL'AGLIO, D. D.. **Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento**: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. *Psico*, Porto Alegre, n. 47(2), p. 99-110, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/revistapsico/article/view/21494>>. Acesso em 20 de junho 2016.